

## AS INTERAÇÕES SOCIAIS E SUA INFLUÊNCIA NO DESENHO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dayse de Carvalho Costa<sup>1</sup>

Franciane Sousa Ladeira Aires<sup>2</sup>

**RESUMO:** Pretende-se nesta pesquisa discutir como as interações sociais na Educação Infantil influenciam o desenho de crianças de 4 a 5 anos de idade, bem como verificar e compreender as contribuições e especificidades do desenho infantil. O desenho é uma linguagem infantil que permite a criança se expressar, comunicar e interagir. Tudo aquilo que ela carrega dentro de si, por meio de uma voz interior que é capaz de falar em silêncio, dando significado aos seus traçados. Apresenta-se uma reflexão, fundamentada na fala de Derdyk sobre os aspectos acerca do desenho, entre outros autores, como Monteiro, Zerbato, Lacerda, Gusmão, Gouvêa, Fontes, traçando suas principais abordagens sobre o desenho infantil, interação e linguagem, assim como as legislações vigentes que envolvem a criança e a Educação Infantil. Portanto, o estudo valeu-se do método de pesquisa de cunho bibliográfico e qualitativo, fazendo investigações sobre as linguagens da criança, o desenho infantil e as interações sociais, em artigos científicos publicados na base Scielo. Ao final desta pesquisa, a partir das publicações selecionadas e estudadas para a composição bibliográfica, os dados analisados apontam para a importância das interações sociais como recurso na proposição de desenhos das crianças da Educação Infantil, que contribuem para o desenvolvimento integral infantil. Espera-se que a presente pesquisa possa contribuir para a prática docente proporcionando ao profissional que atua nessa faixa etária um novo olhar para o desenho na Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Desenho Infantil. Linguagens da criança. Interações. Educação Infantil.

### 1. A vida é como um desenho

*Numa folha qualquer / Eu desenho um Sol amarelo /  
E com cinco ou seis retas / É fácil fazer um castelo.*

*Toquinho*

É “numa folha qualquer” que tentamos concretizar nossa imaginação, e “com cinco ou seis retas” damos vida a um desenho, onde tudo é possível. É assim que fazemos o “castelo”,

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras – UFLA. E-mail: dayse.carvalhocosta@gmail.com

<sup>2</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). Professora do Núcleo de Educação da Infância da Universidade Federal de Lavras (UFLA) e professora do curso de Pedagogia a distância da Cead na mesma instituição. Mestra em Educação pela Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). E-mail: franciane.aires@ufla.br

porém aquilo que projetamos nem sempre acontece e o que não projetamos pode acontecer, pois o desenho está aberto ao acaso, é nessa construção que se muda ou mantém o rumo da linha. O desenho é vivo, ele se movimenta, dança, faz história, e pousa em nosso coração no que sentimos naquele momento e, de repente, ele brinca junto com a gente. O desenho é tempo e espaço! Ele nos conduz mais do que nós o conduzimos, pois ele comanda e tem vida própria.

A música de Toquinho retrata a potência da imaginação da criança, demonstrando que desenhar é mais do que usar lápis e papel. Sendo assim, o meu desenho de vida é um caminho que me leva a nostalgia, e me faz mais forte, no presente, traçando as linhas enquanto pesquisadora. Nesse caminho que percorri ao longo da vida, já haviam “desenhos” de amor efetivados pelos meus pais, que trabalhavam na área da educação, que me permitiram pintar, colorir, rabiscar, e redesenhar, e assim desenhei com as minhas mãos, com o corpo, com a alma o meu próprio desenho: o gosto pela educação.

Frequentei as escolas que meus pais, João Bosco e Carmem, trabalhavam respectivamente como Auxiliar de Serviços Educacionais e Auxiliar de Secretaria Escolar, ambos funcionários do Estado/MG. Eu via o gosto que eles tinham em trabalhar, lembro que minha mãe levava inúmeros diários para casa para fazer as anotações no livro de registro escolar.

Ficava escutando meus irmãos mais velhos, João Paulo e Paula, falarem de suas aulas, das tarefas, das letras e números, dos amigos, do recreio. Tudo me enchia os olhos! Eu já participava das aulas através da imaginação, desejava estar na escola, estudar! Mas lá estava eu querendo o diploma do Pré-escolar do meu irmão, cheguei a rasgá-lo e não sei porque o fiz. Lembro-me da máscara de carnaval da minha irmã, eu queria usá-la e dava briga, nessa época ela estudava numa escola chamada Pipoca de Mel, eu queria comer as pipocas de lá e ela explicava que a merenda não tinha pipocas.

Os nossos assuntos no cotidiano giravam em torno da educação, da escola, dos dias letivos. Entrei para escola no Pré-escolar e me apaixonei! Estudei até o nível médio em escola pública e ainda mantinha o gosto pela educação. Em 2011, formei em Normal Superior pela UNIPAC – Universidade Presidente Antônio Carlos, no Instituto Presidente Tancredo de Almeida Neves – IPTAN, em minha cidade, São João del-Rei. Surgiu uma oportunidade em 2014, então, efetivei uma Pós-Graduação de Marketing e Gestão Estratégica pela

Universidade Cândido Mendes, porém não era o que eu gostava. Por isso, em 2016, concluí uma Especialização em Tecnologias de Informação e Comunicação para o Ensino Básico pela Universidade Federal de Juiz de Fora, da qual retomei meu caminho junto à educação. No ano seguinte, em 2017, passei no vestibular e pude iniciar a Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras.

Dentro dessa trajetória acadêmica, resolvi desenhar um desenho coletivo. Então me casei, e meu marido Anderson direcionou linhas de encontro às minhas. Nasceram nossos dois filhos, Cecília e Henrique, atualmente com 4 e 2 anos respectivamente. Eles são a minha maior motivação e interesse pelo tema de pesquisa “O desenho da criança na Educação Infantil”. Por vê-los ali, rabiscando, é que quero compreender melhor sobre o desenho na infância. O que a criança expressa através do desenho, sua capacidade de criar e a leitura de mundo que elas efetivam são coisas que me encantam.

A justificativa para a realização deste trabalho se dá pelo anseio em compreender a função do desenho na vida acadêmica da criança, se existe uma contribuição e qual influência ele causa no desenvolvimento infantil. Acredito que quando conhecemos melhor sobre o desenho, trabalhamos com ele adequadamente dentro de sala de aula, assim como podemos auxiliar e compreender o desenvolvimento das crianças de forma mais ampla, percebendo as diferentes dimensões e mediando em seu processo de aprendizagem.

Arelado a isso, surge a questão orientadora desta pesquisa: **como as interações sociais na Educação Infantil influenciam o desenho de crianças de 4 a 5 anos de idade?**

Desse modo, o presente artigo aborda as especificidades da ação de desenhar pelas crianças na Educação Infantil, cujo objetivo geral é compreender como o processo das interações sociais que acontecem na Educação Infantil podem influenciar o desenho de crianças de 4 a 5 anos de idade. Além disso, como objetivos específicos, pretende-se: investigar a importância do ato de desenhar para as crianças, sendo este uma das múltiplas linguagens infantis; analisar como o desenho infantil contribui para o desenvolvimento integral e para a leitura de mundo da criança; e compreender como o desenho pode estimular a criatividade, a liberdade de pensar, de se expressar e de interagir com o mundo.

Para alcançar tais objetivos, vamos refletir primeiro os conceitos de infância, criança e Educação Infantil, reconhecendo o lugar da criança e da Educação Infantil na legislação brasileira e sobre a interação na Educação Infantil. Posteriormente, apresentaremos as

múltiplas linguagens da criança, dando destaque para a linguagem do desenho. Passaremos pelos meios metodológicos que utilizaremos para compor a nossa investigação. E, finalizaremos com as análises das pesquisas bibliográficas da base Scielo buscando compreender os aspectos que essas pesquisas propiciarão em relação ao desenho infantil, para então, por meio da pesquisa bibliográfica qualitativa, tentar esclarecer as questões levantadas.

## **2. Rabiscando alguns conceitos: Infância, criança e Educação Infantil**

*Apesar de sua natureza transitória, o desenho, uma língua tão antiga e permanente, atravessa a história, atravessa todas as fronteiras geográficas e temporais, escapando da polêmica entre o que é novo e o que é velho.*

*Edith Derdyk*

Edith Derdyk, artista e educadora, nos ressignifica de maneira sensível os desenhos produzidos pelas crianças. Destacando que o desenho está além do tempo e espaço, e que a luta pelo reconhecimento da importância das linguagens expressivas da infância já é antiga e permanente.

Anteriormente, a infância era tratada como uma fase irrelevante na vida da criança, com poucos reflexos no futuro adulto, não sendo, portanto, reconhecida. A criança assumia o papel de um pequeno adulto, em que a educação acontecia nos afazeres e as brincadeiras eram realizadas somente com os adultos, sem ludicidade e sem distinção de idade e sexo, ou seja, todos eram tratados iguais, nas vestimentas, na alimentação e no trato.

Por muito tempo, as crianças eram vistas como seres que não conheciam e não eram capazes, sendo consideradas como indivíduos incompletos. Mediante isso, a infância era caracterizada apenas por uma etapa que conduzia unicamente para a vida adulta.

Com o passar do tempo, as concepções de criança e infância se modificaram de acordo com a evolução da sociedade na qual a criança está inserida. Sendo assim, o senso de infância começou a surgir lentamente, avançando para o reconhecimento social da infância. Segundo Cristina Gouvêa, “as crianças, coletivamente, atribuem significado ao mundo, a partir de seu lugar social. Nesse processo, constroem uma cultura específica, a cultura infantil, a partir da cultura mais ampla e do diálogo com essa cultura” (GOUVÊA, 2011, p. 551).

A criança passa a ser reconhecida como parte fundamental do desenvolvimento infantil, dando espaço para o brincar. Ela começa a ser vista e respeitada em suas especificidades e necessidades. Estudos passaram a comprovar a importância da infância para a formação global do ser humano. Com isso, surgem leis, estatutos e didáticas específicas para garantir estes direitos às crianças.

É por meio da imaginação, do lúdico, das brincadeiras, ou seja, da experiência e representação da realidade, que a criança aprende a se relacionar e a lidar com problemas, com sua afetividade, seus medos, limites e raivas. Isso se reflete no desenvolvimento de suas habilidades motoras, cognitivas, na formação de seus valores, crenças, criatividade, capacidade de refletir e resolver problemas.

As concepções de criança e infância são construções sociais formadas ao longo da vida, em que cada uma possui sua história, seu meio, seu cotidiano. Ela tem seu papel como sujeito social e histórico e faz parte de uma história na sociedade, dentro de uma parte, de uma organização familiar. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil a criança é o

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL - DCNEI, 2010, p.12).

“A concepção de criança é uma noção historicamente construída e, conseqüentemente, vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma mesma sociedade e época” (BRASIL - RCNEI, 1998, p.21). “Ao longo da história individual, ao tomar posse da linguagem, a criança faz-se produtora de cultura, informando suas experiências e partilhando valores sociais através das múltiplas linguagens” (GOUVÊA, 2011, p. 548). Ela é um ser que constrói sua identidade, que interpreta, tem opiniões, faz escolhas, efetiva trocas e interações.

Além, disso as crianças também têm emoções e sentimentos, que as levam a sentir e pensar o mundo do seu jeito. Dessa forma, segundo Cleber Silva, Tânia Raitz e Valéria Ferreira (2009, p. 78) “não podemos esquecer que as crianças, sem sombra de dúvidas, são atores sociais dotados de pensamento crítico e reflexivo”. A criança não sabe menos que os adultos, ela simplesmente sabe outra coisa, e de maneira diferente.

## 2.1. O lugar da criança e da Educação Infantil na legislação brasileira

*Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis. Art. 16. O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: [...] II - opinião e expressão.*

*Estatuto da Criança e do Adolescente*

De acordo com o art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente, (Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990), a criança tem o direito à liberdade de expressão, porém, anteriormente, ela era limitada em suas manifestações, pois as crianças estavam nas escolas apenas para serem cuidadas e não tinha preocupação com o desenvolvimento da infância.

De acordo com Nilza Forest e Silvio Weiss (2009), a Educação Infantil tinha conotação assistencialista, não considerando o desenvolvimento infantil. As creches existiam para cuidados básicos das crianças, porém não tinham caráter educacional. Visando somente o guardar e o cuidar da criança na falta da família. Os profissionais não tinham formação e sua atuação era restrita aos cuidados básicos de higiene e regras de bom comportamento. Portanto, a Educação Infantil remetia somente ao cuidado despendido à criança de forma assistencial, principalmente por parte das mães e família, e mais tarde pelas instituições que foram surgindo para apoiar essas mães que necessitavam trabalhar, porque na maioria eram famílias de baixa renda. Mas a visão em torno da criança, mesmo em tais instituições (chamadas hoje creches e pré-escolas), era apenas de cunho assistencial, zelo e cuidado, e não valorizava a criança como um indivíduo que necessitasse também ser estimulado para que seu desenvolvimento fosse completo de maneira integral. Portanto, não havia a preocupação e a oportunidade de que as crianças pudessem receber além da assistência e cuidados nestas instituições, também a educação.

Em nosso país, a Educação Infantil passou por várias modificações, foi influenciada por aspectos socioeconômicos, políticos e culturais. Com a sua expansão ao longo do tempo, foram necessárias políticas que garantissem a sua oferta, qualidade e cumprimento, tanto para o público atendido como para a formação dos profissionais atuantes na área. Deixando, assim, a Educação Infantil de ter somente seu aspecto assistencial, para ser complementada pelo aspecto educacional, passando a ser a primeira etapa da Educação Básica.

Através de uma nova concepção de criança e, conseqüentemente, com a Constituição de 1988, a Educação Infantil passa a fazer parte do Sistema Educacional Brasileiro, sendo dever do Estado oferecer a educação de forma gratuita e de qualidade. De acordo com a Constituição Federal, de 1988, em seu art 208, capítulo III, seção I, inciso IV, é dever do Estado garantir a “educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade” (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006). Portanto a referida Constituição reconhece o dever do Estado e o direito da criança de ser atendida em creches e pré-escolas articuladas com a área educacional.

O Estatuto da criança e do adolescente – ECA (Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990) foi elaborado para proporcionar aos menores, condições básicas para um bom desenvolvimento físico, psíquico e moral. Assim como, garantir o acesso à educação, saúde, alimentação, lazer, convivência familiar sadia etc. De acordo com o art. 53 do ECA:

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se lhes:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - direito de ser respeitado por seus educadores. (BRASIL - ECA, 1990, art. 53).

O ECA é importante para que sejam evidenciadas as necessidades das crianças, e estas possam ser supridas de forma adequada, permitindo segurança, aprendizagem e lazer. Assim, as instituições de Educação Infantil devem ser locais que possibilitem às crianças o seu pleno crescimento e desenvolvimento.

Em 20 de dezembro de 1996, a Lei 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB foi promulgada, em concordância com a Constituição Federal de 1988, reconhecendo em seus artigos a Educação Infantil como a fase primeira da educação básica. Dessa forma, foi garantido o direito à educação às crianças de 0 a 5 anos e 11 meses, disposto em seu art. 30, capítulo II, seção II: “A educação infantil será oferecida em: I - creches ou entidades equivalentes para crianças de até três anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos”. Ainda de acordo com a LDB, o ensino infantil tem como objetivo olhar a criança por completo, nos aspectos psicológicos, físicos, sociais e intelectuais, em conjunto com a família e a sociedade, assegurando o desenvolvimento integral da criança. Assim, a Educação Infantil passa a ser vista por um novo ângulo, valorizando-se a criança e a sua

cultura, considerando-a ativa e capaz de construir o seu próprio conhecimento. A professora<sup>3</sup> é a mediadora entre a criança e o mundo, e a família é coparticipante do processo de ensino-aprendizagem.

Complementando essa compreensão, em 1998, surgiu o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI, um documento que tinha por intuito orientar o trabalho a ser desenvolvido no âmbito das creches e pré-escolas, com exemplos didáticos para auxiliar no desenrolar das atividades englobando ainda assuntos relacionados à avaliação do desenvolvimento da criança. O RCNEI, de competência federal, proporcionou que os Estados e os Municípios organizassem suas escolas e redes de ensino de acordo com essa referência. A partir desse Referencial, a criança passou a ser observada pelo seu desenvolvimento sócio histórico e sócio-político ao afirmar que “A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico” (BRASIL - RCNEI, 1988, p. 21). Portanto, as crianças passaram a ser consideradas como plural e a escola formadora da identidade e da autonomia.

Vale destacar que em 2005, segundo Maria Izete de Oliveira, o Ministério da Educação elaborou uma Política Nacional de Educação Infantil, onde destaca-se a indissociabilidade entre o cuidar e o educar, tendo como prioridade assegurar a qualidade de atendimento em instituições de Educação Infantil.

Posteriormente, a Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI, que estabelece as diretrizes e sugere a organização de propostas pedagógicas para essa etapa da educação. Sendo assim, as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2009) no art. 4º, que incita as propostas pedagógicas da Educação Infantil, diz que a criança deve ser considerada o centro do planejamento curricular.

O documento referente das DCNEI além de apresentar as diretrizes e propor os princípios das propostas curriculares de instituições de Educação Infantil, também mostra o lugar que é de direito da criança, lugar este que vai propiciar o educar, o cuidar e o brincar,

---

<sup>3</sup> Considerando que o público feminino é predominante na Educação Infantil, utilizarei nesta pesquisa os termos “professora” e “educadora” para mencionar a profissional que: atende, cuida e educa, as crianças na Educação Infantil. Sendo essa uma postura política de reconhecimento da ocupação das mulheres nesse espaço.

onde as crianças terão atenção, segurança, carinho, e momentos lúdicos. É um espaço que proporciona o seu desenvolvimento integral respeitando as particularidades de cada uma, para que possam aprender, crescer e desenvolver-se.

Surge em 2001, o Plano Nacional de Educação – PNE que estipula objetivos e metas para dez anos, tanto qualitativamente como quantitativamente. Nesta lei os estados, o Distrito Federal e os municípios criam seus próprios planos decenais. Tais planos devem ser formulados democraticamente, de forma participativa. Quanto ao campo da Educação Infantil, este tornou parte integrante, formando um capítulo desses planos, visando expansão e aperfeiçoamento, passou a ser tratado como obrigação dos sistemas de ensino da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios. Atualmente, contamos com o PNE do período de 2014 a 2024 que determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional.

Sendo assim, a educação passou por grandes mudanças, uma delas é que passou a ser organizada pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC que norteia os currículos e as propostas pedagógicas das escolas públicas e privadas, estabelecendo experiências, competências e habilidades que se esperam dos estudantes desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Desse modo a BNCC que define o que se deve ensinar, propondo critérios de qualidade e igualdade para o Sistema Educacional. Segundo a BNCC, a Educação Infantil, “é o início e o fundamento do processo educacional” (BRASIL – BNCC, 2017, p. 38). Assim, assume uma nova posição ao reconhecer a criança como um sujeito social, histórico e de direito.

Todas essas políticas voltadas à Educação Infantil têm como fundamentos a garantia da valorização da criança como ser social, que requer mais que cuidados básicos. Elas necessitam de estímulos para se tornarem crianças autônomas, que possam se desenvolver integralmente com o auxílio da educação, levando em conta suas particularidades e tempos, tendo sua infância respeitada. Essas políticas objetivam o desenvolvimento da Educação Infantil, e se embasam nos princípios como o respeito à dignidade e ao direito das crianças, o direito das crianças a brincar, o acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis e o atendimento aos cuidados essenciais.

São várias as mudanças que ocorreram na Educação Infantil a partir de uma nova visão acerca da concepção de criança, no entanto, é perceptível a distância existente entre a legislação e a realidade. Ainda há muito o que se avançar e evoluir para que a Educação

Infantil cumpra seu papel no apoio ao desenvolvimento da infância, é preciso melhorar alguns aspectos para que a Educação Infantil realmente promova o desenvolvimento global da criança. Faz-se necessário empenho para que certas medidas não fiquem somente no papel, pois todas as crianças merecem uma educação de qualidade.

Por tudo isso, observa-se que levou muito tempo para que a Educação Infantil fosse reconhecida como uma etapa importante na vida da criança, reconhecida por lei e que essa fosse considerada como alguém que tem identidade própria, um cidadão de direitos. Além disso, a Educação Infantil passou a ser vista como a junção do cuidar e do educar, proporcionando o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Vale salientar que a abordagem que a Constituição Federal, de 1988, concedeu para os direitos da infância em relação ao sistema de ensino foi de fundamental importância para que outras leis garantissem e ampliassem estes direitos. A visão assistencialista ficou defasada a partir do momento em que se percebeu a importância de uma educação estruturada desde a infância. As leis que garantem estes direitos estão disponíveis, conforme explanado anteriormente, cabe agora o envolvimento do governo, da sociedade, das escolas, das professoras e da família, em tirá-las do papel e colocá-las em prática. A educação é a base para uma nação forte, emancipada, evoluída, e isso precisa ter início na infância. Não se pode esperar que somente o Estado faça sua parte, cada um que está envolvido neste processo, dentro de suas condições, pode contribuir para garantir estes direitos.

## **2.2. A Interação na Educação Infantil**

*Crianças são como borboletas ao vento. Umas voam rápido, outras voam pausadamente, mas todas voam do seu melhor jeito. Cada uma é diferente, linda e especial!*  
*Inês Clímaco*

As crianças possuem suas especificidades e cada uma contribui com a bagagem que traz consigo. Elas desenvolvem melhor e mais rápido quando interagem umas com as outras, e é na Educação Infantil que vemos o resultado disso. As crianças começam suas percepções de mundo na Educação Infantil pela necessidade que têm de aprender, de brincar e de cuidar de si mesmas, assim como de também serem cuidadas. Dessa forma, se dá início à formação

de seus valores de mundo, de respeito ao próximo e ao ambiente, de respeitar os limites e regras da sociedade, os direitos dos outros e também sobre seus deveres. Assim, a Educação Infantil necessita trabalhar de forma conjunta com as dimensões do cuidar, educar e brincar para que seja o aporte de valores para a vida.

Esses princípios valorizam a singularidade de cada criança, estimulando as produções individuais e coletivas, trabalhando a autonomia, a responsabilidade, a solidariedade e os vínculos afetivos. Como também proporcionando brincadeiras, respeitando as diversidades, educando a criança para o exercício da cidadania, além de propiciar a criatividade, a ludicidade e as manifestações artísticas e culturais, e toda a linguagem das crianças. Nesse sentido, cuidar, educar e brincar devem ser trabalhados juntos na Educação Infantil, pois de acordo com Maévi Nono:

Falar de cuidado e educação na Educação Infantil significa tratar de todas as situações presentes neste espaço, como possibilidades de desenvolvimento para as crianças. Momentos como banho, sono, alimentação, troca de fraldas representam tempos e espaços privilegiados de contato das crianças com os adultos presentes nas creches e pré-escolas e também com as outras crianças. Não se trata de atender de forma mecânica às necessidades básicas dos meninos e meninas, cuidando para que fiquem sempre limpos e saciados. Trata-se, sim, de aproveitar cada situação para proporcionar o desenvolvimento integral das crianças. Significa considerar cada situação como um meio para observar as particularidades de cada criança, oferecendo-lhe, inclusive, momentos de atenção individual, mesmo nas situações coletivas (NONO, 2010, p.132).

Dessa forma, a professora deve aproveitar todos os momentos para estimular o desenvolvimento e as potencialidades das crianças, visto que o brincar, cuidar e o educar estão intimamente relacionados dentro da Educação Infantil. Momentos interpretados pelas crianças como de cuidado de seus responsáveis e de brincar com os mesmos, bem como com os seus colegas, são oportunidades que devem ser aproveitadas para a experimentação de novas sensações, texturas, situações e conhecimentos, promovendo assim o desenvolvimento das crianças. Nesse sentido, o educar na Educação Infantil deve ser realizado por meio da interação com os adultos por elas responsáveis nas escolas e creches, bem como também entre os seus colegas, fazendo-as observar diferentes e novas situações e estimulando-as a perceber e adquirir conhecimentos. Para isso, o brincar e o cuidar de seus responsáveis não podem acontecer de maneira mecânica e sim de maneira a estimular a percepção da criança para que

a mesma aprenda novas coisas. Cada situação deve ser aproveitada para proporcionar o desenvolvimento integral das crianças.

O brincar é uma oportunidade para a criança se desenvolver, é o momento que ela irá aprender: experimentar, liderar, competir, organizar, criar regras, partilhar, trocar, etc. Assim, a mesma desenvolve a autonomia, reflexão e criatividade onde conseguirá desenvolver a aprendizagem da linguagem e a habilidade motora. As brincadeiras são importantes para o desenvolvimento afetivo, cultural, cognitivo, emocional e físico. Por isso, é importante que na Educação Infantil além de utilizar atividades lúdicas, permita que a criança brinque de maneira livre.

Desse modo, os seus responsáveis devem também utilizar essas situações para observar as particularidades de cada criança, oferecendo-lhe, também momentos de atenção individual, para que o educar seja efetivo. Diante dessa integração entre brincar, cuidar e educar são obtidas a conquista da linguagem, a exploração do próprio corpo e dos movimentos, o desenvolvimento da autonomia, a percepção do mundo e a atuação sobre ele, indicando o quão complementares e indissociáveis são esses eixos na Educação Infantil.

### **3. As múltiplas linguagens da criança**

*A criança é feita de cem. A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar, de jogar e de falar. [...] A criança tem cem linguagens (e depois, cem, cem, cem), mas roubaram-lhe noventa e nove. A escola e a cultura separam-lhe a cabeça do corpo.*

*Loris Malaguzzi*

O poema de Loris Malaguzzi nos faz perceber a importância de estarmos atentos e sensíveis para ouvir as cem linguagens que as crianças usam para se expressar. É essencial estar preparado para potencializar essas linguagens, assim como compreender e respeitar todas as que as crianças possuem sem excluir a sua capacidade de ver o mundo. Mas para isso, é preciso valorizar as inúmeras linguagens por elas utilizadas como: verbal, gestual, brincadeiras, desenho, dança, música e manipulação de objetos artísticos, dentre outras.

Segundo Luciana Silva e Ilsa Goulart, no Guia de Estudos – Linguagem e Pensamento II, compreendemos que há três possibilidades de concepção de linguagem, sendo elas:

Linguagem é expressão do pensamento. Nessa concepção, as pessoas ao pensarem bem, se expressam bem. Se não se expressam bem, é porque não pensam bem. Isso significa que falar e escrever são expressões construídas no interior da mente que são posteriormente exteriorizadas. [...] É nesse ponto que os estudos linguísticos tradicionais pautam-se para a defesa da gramática normativa ou tradicional [...].

Linguagem como instrumento de comunicação. Nela, a língua é vista como um código, isto é, um conjunto de signos que são combinados conforme regras internas. [...] O objetivo é estudar a língua distanciada do ser humano, permanecendo uma visão monológica da língua, sem reconhecer a interferência do contexto sócio-histórico [...].

Linguagem como forma ou processo de interação. Nessa concepção, a linguagem apresenta-se como lugar da interação humana, de modo que o indivíduo faz o uso da língua não apenas para traduzir e exteriorizar seu pensamento, ou para transmitir informações, mas sim para interagir, atuar e provocar ações em seu interlocutor (SILVA; GOULART, 2015, p. 9, 10 e 12).

Vemos que a linguagem não é simplesmente a representação de pensamento e comunicação, ela é também uma prática social que promove interação. Sendo assim, apresento o desenho como uma linguagem de expressão e comunicação da criança na Educação Infantil, o qual norteará a minha pesquisa entrelaçando a linguagem como processo de interação, o desenho, a criança e seus pares.

Nesse contexto, compreendemos que as crianças possuem múltiplas linguagens que estão interligadas ao brincar, principal atividade em suas vidas, que dá a elas o poder de tomar suas próprias decisões. Ao se relacionar com outras crianças nas brincadeiras elas se desenvolvem em diversos aspectos: aprendem a conhecer a si mesmo, aos outros e o mundo ao seu redor, a compartilhar e se expressar. Brincando aprendem a usar o corpo, os sentidos, os movimentos, a solucionar problemas e criar. Enfim, ao brincar a criança se expressa, aprende e se desenvolve, intelectual e socialmente.

O brincar é uma oportunidade para a criança se desenvolver, é o momento que ela irá aprender: experimentar, liderar, competir, organizar, criar regras, partilhar, trocar, etc. O brincar estimula a autonomia, a reflexão, a criatividade, a linguagem e a habilidade motora. Segundo Tizuko Kishimoto (2010, p. 01) “Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens”. Diante dessa interação que o brincar possibilita temos, conseqüentemente, a conquista de diversas linguagens, indicando o quão complementares e indissociáveis elas são.

E é justamente brincando que a criança, trabalha todas as esferas das múltiplas linguagens, sendo a que mais destacarei: o desenho! O desenho na Educação Infantil é a linguagem que me motiva pesquisar.

### 3.1 A linguagem do desenho

*O desenho, linguagem que atravessa o arco da história e está sempre presente em todas as áreas do conhecimento, é linguagem inata: pertence a todos nós!*

*Edith Derdyk*

O desenho era visto como um conjunto de sequências e etapas que a criança precisava cumprir para ser considerada apta ao desenvolvimento “padrão-normal”. A criança, conforme já dito anteriormente, nessa mesma época, era tida como um ser incompleto. Segundo Adriana Monteiro (2013):

A criança que não seguia os percursos universais estabelecidos pelos autores era tida como “fora da faixa”, correndo o risco de ser considerada como portadora de alguma dificuldade de aprendizagem, regressão mental ou emocional (MONTEIRO, 2013, p. 16).

Já nos dias atuais entende-se a criança como sujeito de direitos, portadora e produtora de cultura. Monteiro (2013) descreve “as crianças como informantes legítimos sobre as suas vidas, sujeitos competentes na produção da vida social, atores da sua socialização e que detêm uma visão consistente do mundo que as rodeia”. As crianças querem falar e serem ouvidas, e também querem perceber, sentir, experimentar, desenhar.

Nesse sentido, vemos que é na infância que o ato de desenhar é característico e natural. Assim, Monteiro (2013) demonstra que a representação da imagem realizada pela criança através de rabiscos traz significações simbólicas que expressam o seu eu.

Para a criança rabiscar, colorir, dar forma aos traçados, não são meros atos mecânicos ou cópias da realidade, mas a possibilidade de criar significações simbólicas que a permitem expressar espontaneamente sobre si mesma, as interações e o mundo a sua volta (MONTEIRO, 2013, p. 23).

Em contrapartida, o pensamento de que o desenho precisaria de elementos mínimos e necessários para ser reconhecido como desenho faz com que se limite a liberdade de expressão que o desenho tem. Ao mesmo tempo, menospreza qualquer significação do que a

criança produz, por considerar as representações gráficas infantis como imperfeitas diante do pensamento infantil que, nessa perspectiva, ainda não é considerado completo.

Contudo, a partir do desenho, a criança aprende, desenvolve, estabelece informações, adquire experiências e revive as que já conheceu e é onde ela passa a enxergar o mundo com seus próprios olhos. Segundo Luciane Goldberg, Maria Yunes e José Freitas, “o desenho é um importante meio de comunicação e representação da criança e apresenta-se como uma atividade fundamental, pois a partir dele a criança expressa e reflete suas ideias, sentimentos, percepções e descobertas” (GOLDBERG; YUNES; FREITAS, 2005, p. 102). Sendo assim, o desenho torna-se o meio de comunicação entre a criança e o mundo, dando a ela possibilidades de ampliar sua expressão. É através do desenho que ela interliga o mundo real e o imaginário, expondo seus entendimentos e percepções.

A criança possui diversas formas de se expressar através do desenho. Ela aprecia cada movimento que efetiva sobre a folha, conhecendo e reconhecendo o que o lápis ou outro material riscante pode fazer sob esta ou qualquer outra superfície.

Seria interessante repensar o espaço físico proporcionado à criança para desenhar, a fim de promover várias situações espaciais e corporais: desenhar em pé, sentado, deitado geram consequências e posturas distintas da relação da criança com a mão, o olho, os sentidos, o instrumento o suporte e o espaço (DERDYK, 2020, p.48).

Por isso é preciso permitir que a criança desenhe de maneira livre, para que ela expresse e comunique o que há, ansiosamente, em seu imaginário pessoal. Propiciar à criança espaços e contextos diferenciados para desenhar é dar possibilidades a ela de explorar seu mundo imaginário e o poder da criação.

Quando a criança começa a frequentar uma instituição de Educação Infantil, geralmente, o desenho vai perdendo espaço para a escrita, com isso vai diminuindo a frequência de explorar e desenvolver sua arte. Em alguns casos, existe um tempo reservado ao desenho, porém junto vem embutido muitas regras e modelos apresentados como corretos. Desse modo, o desenho perde sua naturalidade, e transforma-se em algo mecânico, pronto e estabelecido. Fazendo com que a criança fique limitada, dificultando o diálogo que ela tem consigo mesma.

Para colaborar com todo o processo do desenvolvimento infantil através do desenho, é preciso que este seja estimulado sem padronizações e valorizado como linguagem. Sendo

assim, é essencial que a educadora tenha conhecimento sobre o desenho infantil e sua importância para o desenvolvimento integral da criança.

Ademais, o desenho também é uma brincadeira para a criança, e pode revelar diversos sentimentos. É no desenho que ela deixa grafado os seus medos, angústias, inseguranças e alegrias, sua forma de falar, registrar e, principalmente, se expressar, assim como o seu conhecimento de mundo e como ela percebe sua realidade. De acordo com o entendimento de Ana Moreira:

Toda a criança desenha. Tendo um instrumento que deixe uma marca: a varinha na areia, a pedra na terra, o caco de tijolo no cimento, o carvão nos muros e calçadas, o lápis, o pincel com tinta no papel, a criança brincando vai deixando sua marca, criando jogos, contando histórias. Desenhando cria em torno de si um espaço de jogo, silencioso e concentrado ou ruidoso seguido de comentários e canções, mas sempre um espaço de criação. A criança desenha para brincar (MOREIRA, 2008, p. 15).

Nesse sentido, o papel em branco ou outros portadores ganham rabiscos, formas e cores, de acordo com o que a criança sente, pensa, imagina e cria. Por isso, que por meio do desenho é possível compreender particularidades infantis. Segundo Bruna Lima, Gisele Pimenta, Maria Souza:

Através do desenho, a criança expressa seus sentimentos, medos, carências, vontades, e até mesmo a forma pela qual se percebe no mundo, com isso, o desenho apresenta-se como um importantíssimo meio de expressão da criança, onde ela manifesta a maneira como se sente e se relaciona em sociedade, tornando-se um valioso meio de comunicação (LIMA, PIMENTA, SOUZA, 2014, p. 2).

O desenho é, portanto, a forma de comunicação que representa o ser criança. Dessa forma, o desenho infantil é uma linguagem fundamental no desenvolvimento que potencializa a sensibilidade, a percepção, a criatividade e a imaginação. O desenho está presente em diversas manifestações, desde uma pintura artística, ou até mesmo num projeto de um carro. Ele está presente em nosso dia a dia e participa ativamente do meio social ganhando diversas atuações. E uma delas, é a criança pequena que aos poucos estabelece a coordenação motora e passa a segurar no lápis e conduzir sua imaginação, onde um traço pode representar uma história inteira.

Através do desenho, a criança exterioriza uma ação pensada representando a construção de seu pensamento. Sendo assim, ele constitui uma expressão de como a criança lê

o mundo, dando possibilidades de desenvolver suas potencialidades e manifestar suas reflexões.

A criança vivencia tudo ao seu redor, sem delimitações onde o pensamento e atitudes criam asas e pousam em locais que os permitem construir novas configurações, já o adulto por sua vez, vive em uma condição diferente, como se o caminho que ele precisasse percorrer fosse algo engessado e limitado. Segundo Derdyk (2020, p. 19), “a criança está integralmente presente em tudo o que faz, principalmente quando existe um espaço emocional que o permita”. Portanto, aproximar a educadora (adulto) ao universo da arte por meio de uma sensibilização para que se pense no desenho sob uma nova ótica e que gere mudanças sólidas entre arte e educação, é encarar assim os desenhos produzidos pelas crianças de forma sensível.

Para que mudanças de fato aconteçam na educação com relação a arte é preciso inicialmente promover o entendimento quanto à interdisciplinaridade, na relação entre os cursos de Educação Artística ou Artes e as demais disciplinas que muitas vezes utilizam as aulas de artes como um alívio de tensões, e além disso, impedir que a interdisciplinaridade remeta uma separação entre o pensar e o fazer. Pois “existe no ar uma imagem de que Educação Artística é algo que ‘mexe com a mão’. Já as atividades mais sedentárias são relacionadas com a cabeça, como se mão e cabeça não fizessem parte de um mesmo corpo” (DERDYK, 2020, p. 22).

#### **4. Traços Metodológicos**

*Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses.*

*Rubem Alves*

A vida é assim, arquitetada de conhecimentos, que nos permite mudanças de opiniões, posturas, caminhos, nos levando a uma constante metamorfose. Pois o conhecimento é algo que nos move, é o que dá sentido à nossa vivência e se traduz em nossa evolução, tanto individualmente, como coletivamente e cientificamente. Ele é algo em constante movimento. É por meio dele que surgem novas indagações, que instigam estudos e experiências para o surgimento, conseqüentemente, de um novo conhecimento.

Há dois tipos de conhecimento: o conhecimento popular e o conhecimento científico. Segundo Ernani Freitas e Cleber Prodanov (2013), conhecimento popular também conhecido como vulgar ou de senso comum é aquele que é observado/passado de geração em geração através da educação informal ou baseado em imitação ou experiência pessoal e não possui embasamento teórico. Já o conhecimento científico tem fundamentação e metodologias a serem seguidas e se baseia em informações que foram verificadas e que possuem explicações plausíveis sobre o objeto ou evento em questão.

Pode-se dizer que ambos os conhecimentos são de extrema importância ao ser humano, pois o conhecimento popular nos remete à nossa cultura, à história, ao que acreditamos. Já o científico é aquele embasado em teorias, pesquisas, comprovações e através dele faz-se inúmeras outras descobertas.

Sendo assim, o conhecimento científico nos traz a pesquisa científica, o estudo planejado, que parte de um problema a ser investigado. Para isso são levantadas hipóteses que serão confirmadas ou não pela pesquisa. Toda pesquisa se baseia em uma teoria e tem o objetivo de encontrar a solução para o problema estudado por meio da aplicação do método científico. Além disso, deve contribuir para o desenvolvimento do conhecimento, colaborando para a formação de uma consciência crítica.

Conforme Freitas e Prodanov:

A pesquisa científica é a realização de um estudo planejado, sendo o método de abordagem do problema o que caracteriza o aspecto científico da investigação. Sua finalidade é descobrir respostas para questões mediante a aplicação do método científico. A pesquisa sempre parte de um problema, de uma interrogação, uma situação para a qual o repertório de conhecimento disponível não gera resposta adequada. Para solucionar esse problema, são levantadas hipóteses que podem ser confirmadas ou refutadas pela pesquisa. Portanto, toda pesquisa se baseia em uma teoria que serve como ponto de partida para a investigação (FREITAS; PRODANOV, 2013, p. 43).

Portanto, a pesquisa científica é de grande importância, pois é através dela que se consegue fazer descobertas de problemas e fenômenos que antes eram obscuros ao nosso ver. Através dela se obtém o conhecimento que tanto almejamos sobre algo. Por meio das pesquisas, por exemplo, se descobre a cura de doenças, medicamentos eficazes nesses tratamentos, etc. Já no campo educacional, a pesquisa nos mostra o quão importante é, atualmente, acompanhar os progressos da aprendizagem, um exemplo é a utilização das tecnologias durante a pandemia. Utilizando estratégias pedagógicas como: o Ensino Remoto,

redes sociais, videoaulas, cadernos de ensino tutorados, inúmeras possibilidades que surgem como formas de construção do conhecimento. As pesquisas educacionais nos mostraram outros caminhos possíveis para além das salas de aulas, do quadro e giz. Enfim, a pesquisa científica faz parte da nossa existência.

O pesquisador, inicialmente, necessita definir o tema que lhe causa inquietação que será sobre o qual trabalhará em sua pesquisa. A partir disso, ele formula suas hipóteses que serão, por sua vez, aceitas ou refutadas pelas respostas encontradas. Após essas definições, o pesquisador necessita definir a metodologia apropriada para obter os resultados esperados. Na área de educação, a pesquisa qualitativa se destaca, por meio de pesquisa bibliográfica e documental. Há também no campo educacional, pesquisas de campo, que são desenvolvidas com indivíduos pesquisados, que neste caso são pessoas. Esses estudos em geral são realizados por meio de coleta de dados através de questionários e entrevistas, bem como por observações, entre outros instrumentos metodológicos.

Segundo William Rodrigues:

A opção pelo método de pesquisa, quantitativo e/ou qualitativo, orienta-se pela formulação do problema de pesquisa, objetivos e hipóteses. Qualquer que seja a escolha, esta deve estar claramente definida e justificada no tópico referente à metodologia (RODRIGUES, 2007, p. 15).

Nesse sentido, optamos pelo método de pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Dessa forma, para realizar essa pesquisa foram investigados artigos científicos a partir da plataforma Scielo, dentre os quatro eixos temáticos: **linguagens da criança; desenho infantil; o desenho na Educação Infantil; e interações e desenho infantil**. Sendo **linguagens da criança** uma forma de expressão, comunicação e interação da criança enquanto ator social, sujeito de direitos e produtora de cultura. O **desenho infantil** configura uma das múltiplas linguagens que a criança possui. O **desenho na Educação Infantil** indicando o desenho na primeira etapa da educação básica. Por fim as **interações e desenho infantil** que busca compreender a interação social interligada ao desenho infantil. E a partir dos artigos selecionados, analisá-los com o intuito de responder à questão direcionadora dessa pesquisa, assim como os objetivos propostos.

## 5. Traçando a memória bibliográfica

*Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.*

*Paulo Freire*

A afirmação de Paulo Freire nos leva a compreender a importância da prática da pesquisa para que possamos desenvolver nossas competências e habilidades. Nesse sentido, a busca pelo conhecimento para fundamentar esta pesquisa foi realizada por meio das fontes bibliográficas consultadas no site Scielo<sup>4</sup>, na pesquisa avançada, utilizando os seguintes filtros de pesquisa: Coleções – Brasil, Periódico – Todos, Idioma – Português, Ano de Publicação – Todos, Scielo Áreas Temáticas – Ciências Humanas, WoS Áreas Temáticas – Educação e Pesquisa Educacional.

A partir da pesquisa do banco de dados, que continham os termos dos eixos temáticos indicados no quadro abaixo foi realizado o estudo e a identificação dos trabalhos que se aproximaram da temática proposta nesse artigo.

Quadro 1 – Fontes bibliográfica pesquisadas na base Scielo

<b>Fontes bibliográficas pesquisadas na base Scielo</b>		
Eixos temáticos	Termos pesquisados	Artigos encontrados
Linguagens da criança	Linguagem Criança	50
	Linguagem Infantil	57
Desenho infantil	Desenho infantil	9
	Desenho criança	8
O desenho na Educação Infantil	Desenho Educação Infantil	9
	Desenho Escola	16
Interações e desenho infantil	Interações Desenho	2
	Interagir Linguagem	3

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Os resultados obtidos e suas análises nos proporcionaram 4 (quatro) publicações, sendo o primeiro deles: “Crianças pequenas no processo de significação sobre borboletas: como utilizam as linguagens?” das autoras Celi Rodrigues Chaves Dominguez e Silvia Luzia Frateschi Trivelato (2014). Este artigo apareceu nos eixos temáticos “Linguagens da Criança”,

<sup>4</sup> Consultado na plataforma Scielo, disponível em: <https://scielo.org/index.php?lang=pt>.

“Desenho Infantil” e “O Desenho na Educação Infantil”. Este estudo nos apresenta uma pesquisa de campo realizada com duas crianças de quatro anos de idade mediante a linguagem do desenho, no qual uma das crianças falava pouco e desenhava muito e a outra criança falava muito e desenhava pouco. Foi analisado também a linguagem verbal e a linguagem desenhista.

Outro trabalho foi o “Desenho Infantil e Aquisição de Linguagem em Crianças Surdas: um Olhar Histórico-Cultural”, escrito por Ana Paula Zerbato e Cristina Broglia Feitosa de Lacerda (2015). Esse texto foi selecionado por meio dos eixos temáticos “Linguagens da Criança”, “Desenho Infantil” e “O Desenho na Educação Infantil”. O artigo faz uma reflexão acerca do processo de significação de mundo pelas crianças surdas a partir da língua de sinais e da atividade do desenho. Neste estudo participaram três crianças, entre quatro e sete anos de idade.

O terceiro estudo foi “A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital” da autora Rejane de S. Fontes (2005), do qual se destacou apenas no eixo temático “Linguagens da Criança”. O estudo observacional, realizado na Enfermaria Pediátrica do Hospital Universitário Antônio Pedro (HUAP), trata de uma análise da interação da criança hospitalizada e das interferências pedagógicas, apresentando como a criança reage no atendimento educacional.

Para finalizar, o artigo “Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro” escrito por Neusa Maria Mendes de Gusmão (1999), foi encontrado somente no eixo temático “Linguagens da Criança”. Este trabalho aborda os conhecimentos acerca da linguagem, cultura e alteridade, no qual é levantado questionamentos em que a alteridade e a cultura se expressam por meio de linguagens. A pesquisa foi efetivada com crianças advindas de uma infância pobre, negra e mestiça.

Apresentamos os traçados que fizemos para localizar e definir os meios da pesquisa, sendo estas as 4 (quatro) publicações que tematizam as interações sociais e a linguagem do desenho na Educação Infantil. Agora, como próximo risco, abordaremos uma discussão entre os artigos pesquisados mediante a nossa investigação.

### **5.1 O desenho que a pesquisa bibliográfica nos fez criar**

No estudo de Dominguez e Trivelato (2014) observamos que a criança possui diversas formas de linguagem que a permite compreender o universo cultural humano, se fazendo “ativa” para se tornar parte dele. Por isso, a criança utiliza diversas linguagens para se comunicar e não apenas a linguagem verbal. Nesse sentido, Dominguez e Trivelato nos mostra que a criança é capaz, por exemplo, de se comunicar tanto pela língua verbal como pela linguagem do desenho.

Assim, ao produzirem desenhos, pinturas, mímicas, brincadeiras, gestos, sons, danças, movimentos, olhares ou palavras; ao interagirem socialmente e deixarem suas marcas no mundo; ao internalizarem elementos das culturas adultas que lhes são disponibilizadas, as crianças vão sendo introduzidas no universo cultural humano, fazendo as adaptações que lhes são necessárias e tornando-se parte dele (DOMINGUEZ; TRIVELATO, 2014, p. 687).

Cada criança expressa de maneira única seu pensamento, seja por meio da linguagem verbal ou desenhista, construindo significados. Pois o desenho é também uma das formas da criança pensar, permitindo que organize seus pensamentos de maneira lúdica.

Pensar envolve memória, atenção e percepção do que se conhece na realidade, permitindo assim criar desenhos e construir significados. Neste contexto, é mais importante o significado que a criança atribui a uma figura/desenho do que o traçar os impressos no papel. Dominguez e Trivelato, em suas pesquisas de observação quanto ao desenho de duas crianças, mencionam que o diálogo das crianças sobre o desenho que estavam efetivando era algo primordial: “É interessante mencionar que esta preocupação não se referia diretamente aos traçados impressos no papel mas, sim, aos significados que as crianças atribuíram a essas figuras” (DOMINGUEZ; TRIVELATO, 2014, p. 696).

A criança ao desenhar procura significado para o seu desenho, ou seja, ela dedica-se a encontrar um nome para o que acabou de representar. Portanto, não são palavras soltas sem contexto, elas têm um sentido e significado relevantes. Dando, assim, ao desenho a função de linguagem.

Por fim, Dominguez e Trivelato afirmam que precisamos dar voz a criança, mas que não precisa necessariamente ser uma voz verbal. E sim, reconhecer o modo de expressão da criança no processo de significação. “[...] ‘dar voz’ às crianças pequenas nem sempre significa permitir que elas falem por meio da linguagem oral” (DOMINGUEZ; TRIVELATO, 2014, p. 699). Além disso, é importante que as representações gráficas venham junto com as interpretações dos próprios autores para que se compreenda o envolvimento integral e afetivo

da criança com o desenho e o que ela quis significar nesse processo. Por isso, é importante propiciar que a criança utilize diversas linguagens para se expressar.

Já o trabalho de Ana Zerbato e Cristina Lacerda (2015) apresentam as contribuições da atividade do desenho na aquisição da língua de sinais em crianças surdas. Afirmam que o desenho é um recurso visual muito utilizado pelas crianças e também é um meio eficaz nas interações sociais e na mediação do outro.

Cada criança tem seu tempo onde interpreta e se dispõe a pensar em um dado momento. Segundo Zerbato e Lacerda uma das crianças observadas “narrou previamente o que desenharia fazendo o sinal de um mastro e um barco” (ZERBATO; LACERDA, 2015, p. 432). Enquanto que uma outra aluna “estava mais preocupada com as cores e procurava o lápis cor de rosa para iniciar o seu desenho” (ZERBATO; LACERDA, 2015, p. 432). Percebo com esse trecho, a importância de se respeitar a forma com que a criança conduz seus pensamentos e a maneira que ela irá desenvolver as atividades.

Em uma das atividades aplicadas pelas pesquisadoras da qual solicitava um desenho, observamos uma crítica delas quando diz que “é interessante observar o desinteresse do aluno pela proposta por ter sido contrariado” (ZERBATO; LACERDA, 2015, p. 434). Isso aconteceu pelo fato da criança querer continuar em uma proposta de brincadeira que ocorreu anterior a essa atividade de desenho. Isso me leva a refletir a nossa prática pedagógica pois a imaginação da criança é ampla e é na brincadeira que ela melhor cria situações. Quando se inicia uma atividade de maneira lúdica e a criança insiste em ficar nessa brincadeira evitando a próxima atividade que seria desenhar, é preciso observar que, muitas vezes, a imaginação daquela criança ainda precisa mais do espaço da brincadeira antes de ir para o papel desenhar. Pois, todo “o processo é importante e traz elementos interessantes de como cada criança aproveita a atividade” (ZERBATO; LACERDA, 2015, p. 437).

As crianças gostam e demonstram entusiasmo em propostas para desenhar algo que seja novo. Portanto, explorar novidades permitem observar que “o desenho pode ser um espaço de elaboração simbólica de novos conceitos em construção” (ZERBATO; LACERDA, 2015, p. 438).

O desenho é uma linguagem que permite a criança se comunicar, expressar e interagir mesmo que ela não utilize o meio verbal para isso. Sendo importante observar o processo de constituição do desenho.

O desenho pode permitir que a língua se estruture, assim, fatos que a criança não saberia dizer por meio da palavra, ela poderia dizer desenhando, e isso ajuda a dizer, depois do desenho terminado que, dialeticamente, desenho e fala podem se inter-relacionar, ou seja, colaboram tanto para o desenvolvimento da fala como para o processo de significação (ZERBATO; LACERDA, 2015, p. 440).

A pesquisa de Rejane Fontes (2005) nos mostra que a professora precisa ressignificar o espaço em que a criança hospitalizada se encontra, e que o lúdico pode ter um papel importante neste caso, alterando aquele lugar frustrado em um ambiente mais harmonioso e propício ao desenvolvimento integral da criança. Neste contexto, o desenho “constitui um canal de comunicação privilegiado na enfermaria pediátrica” (FONTES, 2005, p. 135). Por isso, durante a pesquisa utilizou-se o desenho como forma de ludicidade para dar oportunidade à criança de desenvolver-se de maneira despreocupada.

Durante as atividades que solicitava desenhos que representassem o ambiente hospitalar, vemos as recusas em desenhar estes espaços, pelo fato daquele local representar dor, tristeza, delimitação etc. Pois, segundo Fontes, “por meio do desenho a criança exprime seus sentimentos, cria fantasias e recria realidades (FONTES, 2005, p. 133). Por isso, as crianças procuravam desenhar aquilo que as levavam para outros locais, longe dali.

Percebo que o desenho enquanto linguagem é capaz de não somente manifestar os pensamentos, mas de organizá-los. Ou seja, permite que a criança aprenda com o desenho, e faça uso dele para dizer o que muitas vezes ela não consegue compreender daquele meio hospitalar em que está vivenciando. Afinal, “a criança hospitalizada não deixa de ser criança por se tornar paciente. Ela caracteriza-se por intensa atividade emocional, movimento e curiosidade” (FONTES, 2005, p. 134).

O estudo de Neusa Gusmão (1999) aponta que a escola precisa estar atenta em compreender e saber respeitar a alteridade das crianças para que elas consigam inserir em suas manifestações linguísticas o que é próprio delas. Pois a criança possui “a sua voz”, e é atuante no mundo adulto. Ela não pode ser vista como uma folha em branco onde a sociedade impõe o seu texto ou o seu desenho. Essa sociedade que a autora se refere inclui, principalmente, a escola que possui uma diversidade sociocultural de crianças e tenta transformar em igual o que é diferente, massacrando muitas vezes a alteridade delas. Além disso, a cultura que a criança está inserida tem forte influência sobre as linguagens, e que, a cultura é também uma forma de linguagem.

Pelo caminho da cultura instituinte e dinâmica, a imaginação lhe permite abrir outras portas e, então, estabelecer uma dimensão favorável de si mesmo, expressa na oralidade de sua fala, no gesto e na imagem desenhada. Linguagens que ultrapassam a sociedade da escrita e revelam que a cultura é uma linguagem que não se exaure na língua ou línguas adotadas por um grupo (GUSMÃO, 1999, p. 48).

Nessa perspectiva, os desenhos revelam muito sobre a criança e o que ela tem a nos dizer, expressar, pensar etc., assim como seus “gritos silenciosos”. É no desenho que as crianças se unificam e se diferenciam por meio da cultura que carregam. Portanto os desenhos não são apenas rabiscos ou grafismos pertencentes a uma fase do desenvolvimento, ele é mais que isso! Os “grafismos são a expressão de uma realidade com a qual ela lida a partir de fragmentos do conhecimento gestado por suas experiências e é desse modo que crianças de todas as idades e culturas dizem o que sabem e que identificam o que as cercam” (GUSMÃO, 1999, p. 60).

Pelo exposto por Gusmão, vemos que a cultura interfere na composição do desenho, são linguagens entrelaçadas. Por isso, é importante que a criança seja respeitada não somente na linguagem do desenho que é o foco desta nossa pesquisa, mas em todas as linguagens que ela é capaz de se expressar, comunicar e interagir.

A partir dos trabalhos analisados, compreendo que a criança é capaz de expressar por meio da linguagem do desenho, e que por meio dele estabelece uma organização de seu pensamento. Além disso, a criança é um ser atuante que atribui significado ao que ela desenha, e por isso é importante que seja permitido que ela apresente tudo o que está transferindo ao desenho.

O desenho é também um colaborador nas interações sociais e na mediação com o outro, possibilitando a troca de informações entre as crianças. Neste contexto, percebi também que a criança desenha aquilo que lhe motiva, que traz bem-estar, pois a criança expressa no desenho seus sentimentos e emoções. Sendo assim, ela tentará não reproduzir em seus desenhos ambientes que lhe causam frustração e tristeza, procurando desenhar aquilo que as levem para um lugar tranquilo, voltado para sua alteridade e especificidade de sua infância.

## **6. Desenhando algumas considerações**

*Se essa rua / Se essa rua fosse minha / Eu mandava / Eu mandava ladrilhar / Com pedrinhas / Com pedrinhas de brilhantes / Só pra ver / Só pra ver meu amor passar.*

*Mário Lago e Roberto Martins*

A cantiga popular “Se essa rua fosse minha” de Mário Lago e Roberto Martins nos remete a rua como símbolo do caminho que percorremos na vida. Esta simples melodia utilizada como canção de ninar por muitos de nós, me leva a refletir que a pesquisa que desenvolvemos até aqui é um caminho necessário para compreendermos que o conhecimento é algo precioso e precisamos lapidá-lo e protegê-lo “com pedrinhas de brilhante”. Quanto ao trecho “só pra ver meu amor passar” considero como amor as pessoas que contribuem e compartilham o conhecimento e são essas as pessoas que quero ver passar!

É nesse caminho que quero continuar percorrendo com a mudança interior que essa pesquisa me proporcionou. Por meio de uma orientadora pontual e exemplar que agradeço de todo meu coração pelo tempo e dedicação na correção do texto, Franciane você foi essencial! Obrigada por fazer parte do desenho dessa pesquisa.

Sendo assim, o desenho infantil é uma linguagem da criança, é uma espécie de dança no papel que a criança canta e conduz a música, ele é impulsivo. Tem sentido e significado. É como se todas as linguagens infantis se reunissem na ponta de um lápis e corresse em um papel transferindo tudo aquilo que está no corpo e na alma da criança. As crianças dão vida ao desenho e aquele traçado de hoje pode conter uma história diferente se contado em outro dia, pois o mais importante além do desenho é o significado que a criança atribui a ele. O desenho é tempo e espaço, pois ele representa o acontecimento. Ele é também liberdade! É no desenho que tudo é possível.

Neste contexto, a questão norteadora do presente estudo foi: como as interações sociais na Educação Infantil influenciam o desenho de crianças de 4 a 5 anos de idade? Para responder a essa indagação levantou-se dados a partir de 154 (cento e cinquenta e quatro) trabalhos encontrados, dentre estes 4 (quatro) foram selecionados, identificados e estudados, pois caminhavam ao encontro com a temática deste trabalho.

Por meio das leituras e reflexões realizadas, a conclusão a que chego é que as interações sociais não só influenciam mas interferem no modo como a criança de 4 a 5 anos elabora, cria, imagina e expressa seus desenhos na Educação Infantil. Vale ressaltar que, além das interações sociais que a criança efetiva, ela também repassa aos seus desenhos as

interações do seu local de vivência, como por exemplo: a escola, a casa, o parquinho, o hospital etc. As interações sociais não devem ser resumidas apenas às trocas entre as crianças e seus pares ou grupos de pessoas que convivem com ela, está muito além disso. As interações é tudo aquilo que marcam, modificam e se interiorizam na criança, ou seja, é o interagir com o mundo.

Investigamos também a importância do ato de desenhar para as crianças, sendo este uma linguagem que a permite se comunicar, expressar e interagir mesmo que não utilize o meio verbal para isso. Portanto, o desenho permitirá que ela seja ouvida em relação aquela situação a que não consegue se expressar por meio de outra linguagem, por exemplo, a verbal. Sendo assim, é essencial que a criança possa utilizar o desenho para dar sentido e significado ao que ela sente e pensa.

Por meio da análise dos textos selecionados, observamos a contribuição do desenho infantil no desenvolvimento integral e para a leitura de mundo da criança. A partir do momento que ela consegue se manifestar por meio da linguagem do desenho, consegue compreender melhor esse mundo que a cerca e poderá ir ajustando aquilo que está desregulado. Neste contexto, a criança por meio do desenho vai interiorizar ideias, valores e hábitos que servirão para seu desenvolvimento integral.

Compreendemos que o desenho pode estimular a criatividade, a liberdade de pensar, de se expressar e de interagir com o mundo. Pois o desenho nasce da observação (presente), vai ao encontro da memória (passado) e se expande na imaginação (futuro), por isso ele é liberdade, e caminha junto com a criatividade propiciando a expressão, interação e a comunicação.

Com essa pesquisa pude refletir a importância do desenho na Educação Infantil e que ao desenhar, a criança manifesta uma mistura de sentimentos como negação, afirmação, curiosidade, alegria, opressão etc. E é neste ponto que percebo que não alcancei completamente os objetivos deste trabalho, pois me faltou uma pesquisa de campo na qual eu pudesse vivenciar de perto esse sentimento que a criança passa para folha por meio do desenho. Concretizar o “olho no olho” entre mim e a criança e sentir o tempo e o espaço daquele acontecimento.

Finalizo este trabalho, mas não encerro meus questionamentos que surgiram com este estudo e me conduzem a continuar pesquisando entorno do desenho e da criança. Buscarei

estudos que saciam a minha sede de compreender: o que será do desenho infantil nessa era da tecnologia? Confrontando dessa forma, minha graduação de Pedagogia com a minha Especialização em Tecnologias de Informação e Comunicação para o Ensino Básico.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em: 28 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. Constituição (1988). **Emenda Constitucional nº 53, DE 19 de dezembro de 2006**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/emendas/emc/emc53.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc53.htm)>. Acesso em: 28 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. **Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm#art266](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266)>. Acesso em: 24 out. 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 28 set. 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares\\_2012.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf)>. Acesso em: 23 out. 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf)>. Acesso em 28 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: 02 set. 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei nº 10.172, de 9 de Janeiro de 2001**. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/110172.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm)>. Acesso em: 19 set. 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei nº 13.005, de 25 de Junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm)>. Acesso em: 19 set. 2020.

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 3 ed. São Paulo: Panda Educação, 2020. 160 pp.

DOMINGUEZ, C. R. C. TRIVELATO, S. L. F. Crianças pequenas no processo de significação sobre borboletas: como utilizam as linguagens? **Ciênc. educ.** (Bauru), Bauru, v. 20, n. 3, p. 687-702, Set. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-73132014000300687&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132014000300687&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 15 fev. 2021.

FONTES, R. S. **A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital**. Rev. Bras. Educ. Rio de Janeiro. n. 29, p. 119-138, Ago. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782005000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782005000200010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 15 fev. 2021.

FOREST, N. WEISS, S. L. I. **Cuidar e Educar: perspectivas para a prática pedagógica na educação infantil**. ICPG Instituto Catarinense de Pós-Graduação. 2009. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/2215211-Cuidar-e-educar-perspectivas-para-a-pratica-pedagogica-na-educacao-infantil.html>>. Acesso em: 28 de set de 2020.

FREITAS, E. C. PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2013. Disponível em: <[https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/291348/mod\\_resource/content/3/2.1-E-book-Metodologia-do-Trabalho-Cientifico-2.pdf](https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/291348/mod_resource/content/3/2.1-E-book-Metodologia-do-Trabalho-Cientifico-2.pdf)>. Acesso em: 17 dez. 2020.

GOLDBERG, L.G. YUNES, M. A. M. FREITAS, J. V. O Desenho Infantil na Ótica da Ecologia do Desenvolvimento Humano. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 97-106, jan./abr. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pe/v10n1/v10n1a11>>. Acesso em 25 nov. 2020.

GOUVÊA, M. C. S. Infância: entre a anterioridade e a alteridade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 547-567, maio/ago. 2011. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/11394>>. Acesso em: 25 nov. 2020.

GUSMAO, N. M. **Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro**. Cafajeste. Pesqui. São Paulo, n. 107, pág. 41-78, julho de 1999. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15741999000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741999000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 15 fev. 2021.

INSTITUTO PAULO FREIRE. **Pesquisa, Documentação e Informação**. Pedagogia da Autonomia. São Paulo, 1997. Disponível em: <[https://www.paulofreire.org/portfolio/pesquisa\\_documentacao\\_e\\_informacao.html](https://www.paulofreire.org/portfolio/pesquisa_documentacao_e_informacao.html)>. Acesso em: 10 fev. 2021.

INSTITUTO RUBEM ALVES. **Frases**. São Paulo. Disponível em:  
<<https://institutorubemalves.org.br/frases/>>. Acesso em 11 jan. 2021.

KISHIMOTO, T. M. **Brinquedos e brincadeiras na Educação Infantil**. 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchida/file>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

LAGO, M. MARTINS, R. **Se Essa Rua Fosse Minha**. 1930. Disponível em:  
<<https://www.letras.mus.br/cantigas-populares/134098/>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

LIMA, B. P. PIMENTA, G. SOUZA, M. F. P. **A Criança e o Desenho Infantil**. 2014. Disponível em:  
<[http://fait.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/DbZdE3s1VCnVXqu\\_2014-4-16-20-39-40.pdf](http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/DbZdE3s1VCnVXqu_2014-4-16-20-39-40.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2020.

MALAGUZZI, L. **As Cem Linguagens da Criança**. Porto. Alegre: Artes Médicas, 1997. Disponível em: <<https://florescer.pt/cem-linguagens-da-crian%C3%A7a>>. Acesso em: 02 dez. 2020.

MONTEIRO, A. T. M. **Desenho infantil na escola: a significação do mundo por crianças de quatro e cinco anos**. 2013. 171 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais/UGMG, Belo Horizonte. Disponível em:  
<<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9HMFk2>>. Acesso 23. Set. 2020.

MORAES, V.; TOQUINHO. **Aquarela**. Ariola, 1983. Disponível em:  
<<https://www.vagalume.com.br/toquinho/aquarela-original.html>>. Acesso em: 23 ago. 2020.

MOREIRA, A. A. A. **O Espaço do desenho: a educação do educador**. 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

NONO, Maévi Anabel. Educar e cuidar nas creches e pré-escolas. In: Universidade Estadual Paulista [Unesp]; Universidade Virtual do Estado De São Paulo [Univesp] (Org.). **Caderno de formação: formação de professores: educação infantil: princípios e fundamentos**. São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação, 2010. v. 1. p. 131- 134. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/223>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

OLIVEIRA, M. I. Educação infantil: legislação e prática pedagógica. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 27, p. 53-70, dez. 2008. Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752008000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752008000200004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 30 jun. 2021.

RODRIGUES, W. C. **Metodologia Científica**. FAETEC/IST. Paracambi. 2007. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/1714433-Metodologia-cientifica.html>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE. **SciELO**. São Paulo. Disponível em: <<https://scielo.org/index.php?lang=pt>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

SILVA, C. F. S. RAITZ, T. R. e FERREIRA, V. S. Desafios da sociologia da infância: uma área emergente. **Psicologia e Sociedade**, Florianópolis, v. 21, n.1, p. 75-80, abr. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822009000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000100009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 30 ago. 2020.

SILVA, L.S.; GOULART, I. do C. Linguagem e pensamento II. **Guia de estudos**. Universidade Federal de Lavras. Lavras, Minas Gerais. 2015. Disponível em: <[http://ead.campusvirtual.ufla.br/pluginfile.php/76287/mod\\_glossary/intro/GUIA%20DE%20ESTUDOS%20LinguagemPensamento%20II%20%283%29.pdf](http://ead.campusvirtual.ufla.br/pluginfile.php/76287/mod_glossary/intro/GUIA%20DE%20ESTUDOS%20LinguagemPensamento%20II%20%283%29.pdf)>. Acesso em: 01 out. 2020.

ZERBATO, A. P. LACERDA, C. B. F. **Desenho Infantil e Aquisição de Linguagem em Crianças Surdas: Um Olhar Histórico-Cultural**. Rev. bras. educ. espec. Marília. v. 21, n. 4, p. 427-442, Dez. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382015000400427&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382015000400427&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 15 fev. 2021.